

## A *POST-VULGATA* ARTURIANA NA PENÍNSULA IBÉRICA: QUAL FOI SUA PRIMEIRA TRADUÇÃO?\*

Heitor Megale  
USP

**Resumo:** A publicação em andamento de *La Version Post-Vulgate de la Queste del Saint Graal et de La Mort Artu*, de Fanni Bogdanow, pela *Société des Anciens Textes Français*, traz novamente à tona a questão da prioridade da tradução ibérica. De fato, ao tempo em que eminentes filólogos polemizaram em torno da questão, ainda não havia sequer uma estemática definida dos testemunhos franceses, de que se conservam apenas fragmentos, além do que muitos deles nem eram conhecidos ou não haviam sido devidamente identificados como fazendo parte da *Post-Vulgata*. Agora, considerando que sua edição se faz com todo o rigor filológico, torna-se possível um estudo contrastivo dos fragmentos editados com os textos ibéricos.

O que se pretende apresentar hoje é uma amostragem de pesquisa em andamento em que teremos o texto francês primitivo numa ou em mais de uma versão, seguido do texto português, todos sempre da mesma passagem, de modo que possamos compará-los e levantar os argumentos que a *collatio* permitir.

**Texto:** A arturiana britânica Fanni Bogdanow, ao publicar, em 1966, sua tese *The Romance of the Grail*, para a época, um verdadeiro achado que encontrou certa resistência em determinados setores da especialidade, anunciou a publicação da *Post-Vulgata* arturiana, em que, declarou, vinha trabalhando.<sup>1</sup>

Vinte e cinco anos depois, um quarto de século, portanto, saem três volumes do meticuloso trabalho. O primeiro volume, tomo I, é uma longa Introdução de 599 páginas. Dentro dos agradecimentos em que principia por Jacques Monfrin, da *Société des Anciens Textes Français*, passa por nomes ligados a todas as instituições e bibliotecas que a ajudaram, sendo interessante para nós a lembrança de nomes como Manuel Rodrigues Lapa e Ivo Castro, bem como Harvey L. Sharrer, o arturiana hispanista de Santa Barbara, e presta sentida homenagem a seu mestre Eugênio Vinaver. Em seguida, apresenta novos testemunhos da *Queste del Saint Graal et de La Mort Artu*

\*1ª Semana de Estudos da Língua Portuguesa - Rio de Janeiro, 23 a 28 de outubro de 1995 - Liceu Literário Português - Instituto de Língua Portuguesa.

*Post-Vulgate*. Retoma sua tese de 1966 expondo o que é a *Queste Mort Artu Post-Vulgate* e o *Roman du Graal*. Trata das relações entre a *Queste do Tristan en prose* com a Demanda portuguesa e examina detidamente a tradição manuscrita da *Queste-Mort Artur Post-Vulgate*. Distingue todos os manuscritos, os que contêm apenas fragmentos da *Post-Vulgata*, os da *Vulgata* que contêm fragmentos da *Post-Vulgata*, o manuscrito de *giron le courtois* que contêm um fragmento da *Post-Vulgata*, os da compilação de Rusticiano de Pisa, os do *Tristan en prose*, os de *Mort Artu Post-Vulgata*. Examina criteriosamente os textos ibéricos, os manuscritos, entre os quais os mais completos são o da *Demanda* portuguesa de Viena e *O Livro de Josep Ab Aramathia*, da Torre do Tombo, os fragmentos de manuscritos e a tradição impressa castelhana de 1515 e de 1535. Realiza o que chama de tentativa de classificação dos manuscritos da *Post-Vulgata*, a partir da qual apresenta as filiações dos manuscritos da *Quest do Tristan e prose* e da *Queste et La Mort Artu Post-Vulgata*. Examina as relações entre as *Demandas* portuguesas e castelhana e sua fonte francesa como comprovação de sua tese do *Roman du Graal*. Apresenta um estudo da lingua dos manuscritos O, N, e S<sup>2</sup>, considerados fonte ou mais próximos do que seria a fonte da tradução ibérica. Seguem-se o estabelecimento do texto, a bibliografia, as abreviações, os índices de nomes de lugares e de pessoas e o índice.

O segundo volume, tomo II, com 600 páginas, publica o texto da *Queste del saint Graal* até o número 393, o total, nas edições Magne é 706 números. O estudioso conhecedor das edições Magne 1944, em três volumes, dois de texto e um de glossário, ou na magnífica edição fac-similar de que saiu o volume I em 1955 e o volume II em 1970,<sup>2</sup> fica a satisfação de ler *pari passu* os números, porque a especialista britânica manteve a numeração Magne, conforme aliás veio fazendo em todos os artigos que tem publicado nas revistas especializadas, ao longo de mais de um quarto de século de pesquisa incansável. O critério de publicação é seguir os fragmentos franceses e lá onde ele faltam, preencher com o testemunho do códice vienense 2594 da *Demanda* portuguesa. A lição é do próprio códice. Para se fazer uma idéia, da página 11 a 109, o que equivale em números, do 1 ao quarto parágrafo do 81, o texto vem do códice vienense. No quinto parágrafo do número 81 começa o primeiro fragmento francês que vem do códice *S, IV, fól. 84d* estendendo-se até a página 163, no quarto parágrafo, quando volta o códice vienense, já em seu fólio 41b, mas volta somente até a página 168, porque na 169, no número 129, está de volta o fragmento francês que pára no número 144 e assim prossegue a alternância, com textos ora longos, ora breves numa e noutra língua. Convém lembrar que a numeração referida não se confunde com a divisão da matéria em capítulos. Se aqueles números conferem com a lição Magne, esta divisão não, por exemplo, ao terminar o número 393, a edição Bogdanow está no capítulo XXXIV, Magne 1944 está no LIV e Magne fac-similar, no LXI. Sabe-se que o que conta para as referências textuais são aqueles números. Aparato crítico discreto acompanha o texto sempre no rodapé. No final do volume, figuram dois apêndices: o primeiro com as variantes das *Demandas* portuguesa e espanhola e o segundo, com as variantes do *Tristan en prose*.

O terceiro volume, tomo IV.1, com 324 páginas é o Comentário da parte publicada no tomo II. Pode-se dizer que este volume é um verdadeiro aparato crítico ampliado exaustivamente e enriquecido de comentários muito úteis e esclarecedores.

Ficam faltando, anunciados para breve, esperemos não sejam outros vinte e cinco anos, o tomo III, que deverá conter o que falta do texto e o tomo IV.2 destinado, tudo indica, ao Comentário daquele.<sup>3</sup>

Embora fosse excusado informar acerca da matéria que envolve tal publicação, é bom lembrar alguns pormenores, mesmo porque eles documentam a origem dos fragmentos que trataremos para a colação.

*Vulgata da Matéria da Bretanha*, como a própria palavra *Vulgata* o diz, é a versão da *Matéria da Bretanha* mais comumente difundida ou aceite como autêntica.<sup>4</sup> Essa versão é constituída pela primeira prosificação como ciclo por que passaram os textos anteriormente existentes. Considerada a mais elaborada versão da matéria até então literariamente desenvolvida, essa primeira prosificação compõe-se dos seguintes romances nesta seqüência narrativa:

1. *Estoire del Saint Graal*,
2. *Estoire de Merlin*,
3. *Lancelot* (em três livros),
4. *La Queste del Saint Graal*,
5. *La Mort le Roi Artu*,

portanto sete livros em cinco títulos.<sup>5</sup> Esses romances caracterizam um ciclo porque, distribuídos nessa ordem, desenvolvem a mesma seqüência narrativa, pelas etapas necessárias, do mesmo modo como são cíclicos, na literatura brasileira do século XX, os conhecidos romances da cana-de-açúcar, de José Lins do Rego, ou os romances de *O tempo e o vento*, de Érico Veríssimo. Tal organicidade cíclica, porém, não implica que os romances medievais, diferentemente do que ocorre com os romances dos dois ciclos dos autores brasileiros referidos, tenham sido escritos por um mesmo escriba e naquela ordem, Tampouco implica que seus textos tenham sido mentalizados por um único autor e tenham tido uma única forma desde o início. De fato, sabe-se há muito tempo que o *Lancelot*, *La Queste del Saint Graal* e *La Mort le roi Artu* teriam sido escritos primeiro, sendo ainda mais antigo entre esses o *Lancelot*, enquanto a *Estoire del Saint Graal* e o *Merlin* (ou a *Vulgata do Merlin*), com o propósito de serem aplicados à seqüência narrativa desejada, teriam sido escritos depois. Aliás, não é por acaso que essa prosificação tem também outro nome: Ciclo do *Lancelot-Graal*, designação que descreve a fusão da massa narrativa, digamos assim, do cavaleiro Lancelote, mais antiga, com a do santo graal, posterior.

Em que pese à complexidade do trabalho de elaboração, de que fica aqui apenas uma breve notícia, o ciclo da *Vulgata* chegou a ser atribuído a um só autor, Gautier

Map, o que fez com que fosse usualmente denominado Ciclo de Gautier Map. Há muito tempo, porém, tornou-se o Pseudo-Map, dada a comprovação de que esse autor era já falecido ao tempo em que operou-se a prosificação.<sup>6</sup> O escriba, que preferiu não identificar-se, tomou emprestado o nome de Gautier Map. Tal procedimento não era raro na época. Ao valer-se de um nome de prestígio, o autor, que se escondia sob o anonimato, buscava garantir a aceitação e um futuro para seu texto.

Elaborado o ciclo, por volta de 1220, seguiram-se logo inúmeras cópias que constituem uma riquíssima tradição manuscrita. Em toda ela, fica documentado o propósito de constituição de um grande ciclo mediante as chamadas *Suites*, que quase todas as partes do ciclo vieram recebendo.

A tradição manuscrita dessa *Vulgata* seguia seu curso, quando processou-se muito pouco tempo depois de sua elaboração, uma segunda prosificação cíclica compactada, digamos, em relação à primeira. A maior redução que o texto sofreu foi a supressão dos três volumes do *Lancelot*, mas significa também razoável redução o que se fez com a *La Mort le roi Artu*, cujos capítulos finais, numa forma também abreviada, foram incorporados à *Queste del saint Graal*.<sup>7</sup> O novo texto cíclico resultou nos seguintes livros:

1. *Le livre de Joseph d'Armathie*, novo título da *Estoire del saint Graal*;
2. *Le livre de Merlin*;
3. *La Queste del saint Graal*.

*Post-Vulgata* é como passou a ser chamada essa nova prosificação cíclica, anteriormente conhecida como Ciclo do Pseudo-Boron, em condições idênticas às do Pseudo-Map.

Convém lembrar ainda a respeito dessa matéria, em seu conjunto, que o texto que abre tanto o primeiro ciclo, a *Vulgata*, sob o título, *Estoire del saint Graal*, como o segundo, a *Post-Vulgata*, sob novo título, *O Livro de Joseph Ab Arimathia*, é a parte que logo adquiriu forma mais definida do que as demais, em ambos os ciclos. Desde sua primeira prosificação, com efeito, o texto mantém-se basicamente o mesmo. Há de ser essa a razão pela qual Fanni Bogdanow, em sua edição, em andamento, da versão da *Post-Vulgata*, deixa de lado esta primeira parte do *Romance do Graal*. Quanto à segunda parte, o *Merlin*, texto que não é o mesmo na *Vulgata* e na *Post-Vulgata*, visto que recebeu acréscimos nessa segunda versão, a razão para ter sido deixado de lado é que a edição Jacob Ulrich e Gaston Paris do *Merlin*, conhecido como *Huth-Merlin*, que contém suas *Suites*, dispensa trabalho da mesma natureza. O texto da *Queste*, a que se acoplou um resumo dos últimos capítulos de *La Mort le roi Artu*, motivo pelo qual Fanni Bogdanow designa-a *Queste del Saint Graal et de La Mort Artu*, este sim suscitou problemas desde 1887. Tais problemas começam a despertar interesse a partir do momento em que Gaston Paris percebe a incompletude de textos originais de um conjunto para o qual ele vislumbra a possibilidade de

constituir uma nova versão da matéria. Suas suspeitas confirmam-se ao publicar seu *Merlin*, e não mais abre mão delas depois de ter tomado conhecimento do trabalho de edição parcial do códice vienense da *Demanda* portuguesa, por Reinhardstoëttner. A busca dessa completude é o objetivo dos cinco volumes da edição da *Post-Vulgata*, de Fanni Bogdanow, trabalho que permite hoje levar-se a cabo o cruzamento de todos os testemunhos desse texto.

É possível que Fanni Bogdanow, no início de suas pesquisas, não imaginasse enfrentar tantas dificuldades, nem tardar tanto para dar a lume a intricada *Post-Vulgata* com que nos brinda e que talvez imaginasse mais acabada em francês do que se revelou. Logo percebeu a pesquisadora que o conjunto de testemunhos franceses está muito longe de reconstituir o original, o que tornou indispensável trazer os testemunhos das traduções. O que ela fez foi prosseguir e perseguir a trilha de seu mestre Eugênio Vinaver, que, por sua vez, insistiu na mesma linha de pesquisa de Gaston Paris. Quer nos parecer que a pedra fundamental de todo este monumento está naquela dupla recensão que o próprio Gaston Paris faz, na *Romania*, XVI, 1887, p. 582-586. O primeiro livro recenseado é o *Merlin* que ele mesmo publicou em parceria com Jacob Ulrich e o segundo, *A historia dos cavalleiros da mesa redonda e da demanda do santo Graall*, publicação parcial de Karl von Reinhardstoëttner. A partir dessa recensão, o códice vienense da *Demanda* portuguesa passou a adquirir uma importância que só fez crescer, porque esse texto revelou-se ser o *corpus* mais acabado que existe de *La Version Post-Vulgate de la Queste del saint Graal et de la Mort Artu, troisième partie du Roman du Graal*.

Tal publicação, em andamento, traz novamente à tona a questão da prioridade da tradução do texto na Península Ibérica, se terá sido feita em espanhol ou em português, visto que a pesquisadora britânica põe à disposição de todos nós os textos-fonte remanescentes.

Muita erudição e muitas informações de grande interesse circularam, durante a profícua polêmica dessa prioridade, em que destacaram-se Manuel Rodrigues Lapa e Pere Bohigas Balaguer.<sup>8</sup> O reexame da questão ganha agora novas trilhas, além das percorridas pelos dois gigantes, mas, ao que tudo indica, pode não gerar discussões tão acaloradas como aquelas. Aos argumentos de Manuel Rodrigues Lapa, os dados textuais parece só somarem-se para confirmar a tese do velho mestre de Anadia. Aliás, seu próprio oponente acatou a tese da prioridade portuguesa em 1933.

Portanto o reexame não objetiva acirrar ânimos, busca tão somente fazer uma *collatio* de testemunhos que não terão sido lidos, pelo menos com essa finalidade, até Fanni Bogdanow editá-los. Os trabalhos de quantos ocuparam-se da questão até o momento nunca os trouxeram à argumentação. Em seguida, será necessário submeter a critérios rigorosos a *collatio*, sendo então possível apontar para onde os testemunhos levam. Na expressão de Ivo Castro, “fazer os testemunhos falarem”, é como referiu-se ele ao códice do *Livro de José de Arimatéia*, ao tratar da datação de sua cópia, o que na verdade, levou-o muito mais longe, nada menos do que a definir a entrada do ciclo em Portugal.<sup>9</sup>

A grande dificuldade da empreitada, sei que já avaliam qual seja, a grande dificuldade que se levanta é o fato de os textos ibéricos não se conservarem num estado mais antigo de língua. O códice 2594 da Biblioteca Nacional de Viena é do século XV, ao que tudo indica do reinado de D. Duarte, portanto teria sido copiado entre 1433 e 1438.<sup>10</sup> Do códice espanhol, o antigo 2G5 da Biblioteca de Palácio, de Madrid, hoje 1877 da Biblioteca Universitária de Salamanca, datado de 1470, restam apenas fragmentos que Pietsch editou, em 1924 e 1925<sup>11</sup>. Na Espanha, a tradição impressa da matéria arturiana iniciou-se logo no século XVI. Mas da *Demanda*, o exclusivo texto de nosso interesse, só há incunábulo de 1515, exemplar único na British Library, e de 1535, pelo menos cinco exemplares, um dos quais em Madrid. Se tivéssemos esses textos em estado mais antigo da língua, ao tempo da tradução ibérica ou de cópia muito próxima dessa tradução, não há dúvida de que a dificuldade estaria atenuada.

Mas essa dificuldade não é intransponível, nem invalida o reexame da questão. Se os textos ibéricos estão num estado mais avançado da língua, os franceses, de certa forma compensam, porque, não tendo tido em seu país de origem o mesmo prestígio que tiveram os da *Vulgata*, permanecem todos no estado primitivo em que foram elaborados ou em estado muito próximo daquele. O meticuloso trabalho de Fanni Bogdanow, reconhecido internacionalmente, talvez dispensasse o recurso aos códices, mas eventualmente é para se supor sua utilização, ainda que apenas confirmem a lição da arturiana britânica. O interesse científico do trabalho limita-se aos trechos de que sobrevivem testemunhos da fonte francesa que tenham ao lado os respectivos textos português e espanhol.

O que vamos então fazer é apresentar uma breve amostragem da colação de fragmentos, tais como Fanni Bogdanow os apresenta ou no volume da Introdução à *Version Post-Vulgata* ou em artigos anteriores, em que teremos o texto francês primitivo, numa ou em mais de uma versão, seguido do texto português e do espanhol, todos sempre da mesma passagem, de modo que possamos compará-los todos e tirar os argumentos que a *collatio* fornecer. Quando Fanni Bogdanow aproxima tais passagens tem, como deixa claro, tão somente o objetivo de mostrar que as relações entre as versões confirmam sua tese da existência da *Post-Vulgata*, a que ela denomina, desde 1966, o *Romance do Graal*. Quanto à questão da prioridade, diz textualmente a arturiana britânica; “Cette question, si souvent discutée, est fort difficile à trancher d’une manière définitive.”<sup>12</sup> Sempre que consideramos necessário, procuramos ampliar o texto das passagens em questão, o que nem sempre foi possível, visto que o trabalho de edição está, por enquanto, na altura do número 393. Sempre que perseguimos uma ampliação foi com o intuito de conseguir argumentos mais sólidos para nosso objetivo que é definitivamente outro, mas que só pode ser levado a cabo com a edição de Fanni Bogdanow.

De fato, antes de pretender afirmar alguma prioridade, sabemos que é indispensável, como dado inicial, confirmar a existência de uma primeira tradução ibérica como fonte dos testemunhos que hoje temos: o códice vienense 2594 da *Demanda* português-

sa e as edições da *Demanda* castelhana de 1515 e 1535. Temos certeza de que apenas a confirmação desse caráter de fonte dos testemunhos ibéricos hoje conhecidos poderá levar, com menor margem de erro, à prioridade.<sup>13</sup>

Temos perfeita consciência de que a tarefa é árdua, conforme dissemos, a dificuldade decorre exatamente dos diversos estados de língua em que temos os textos hoje, mas, se estivessem no mesmo estado, a simples leitura seria suficiente para dar a solução. Então é essa dificuldade, esse desafio que perseguimos, não com a pretensão de *trancher la question*, mas com a certeza de poder trazer alguma contribuição com argumentos, que esperamos sejam sólidos para apontar na direção acertada.

Primeira *collatio*:

**Q§377(fól.182b),N(fol.86b),S(IV,fól.121a):**

- Et cuidez vos, ce dit Tristan, que se je m'en vois par illuex, qu'il m'i conviegne a joster?
- Oil, certes, dit Lambegues. *Sanz ce ne vos en poez departir.*
- Donc vos comant je a Deu, ce dit Tristan, car por celle menace ne guerpilai je ja, *se Dex plaist, mon chemin.*

**Tr.(T.,fól.349c):**

- Et cuidez, fet Tristan, que se je m'en vois par illuex, qu'il me conviegne joster?
- Oil, feit Lambegues, *Sanz ce ne vos en poez departir.*
- Je vous coumant a Dieu, fet Tristan, car por telle menace ne guerpilai je ja, *se Dex ne plaist, mon chemin.*

**D.(fol.127a):**

- Cuidades vos, disse Tristam, que se per i for, que haja de justar?
- Si, sem falha, disse elle.
- Pois comendo-vos a Deus, disse Tristam, ca por tal meação, non leixarei meu caminho.

**De.<sup>1</sup>(ch.CxCV),De.<sup>2</sup>(p.235b):**

- E cuydays vos, dixo Tristan, que se por ay yo passare, que aure de justar?
- Si, sin falla, dixo el.
- Pues acomiendovos a Dios, dixo Tristan, que por tal amenaza no dexaria mi camino.

Esta é uma passagem rica de elementos diferenciadores. Os próprios manuscritos franceses já apresentam divergências. O primeiro tem os advérbios *certes*, que o segundo elimina. A seguir, os dois testemunhos ibéricos eliminam a mesma frase e o mesmo fragmento de frase que ocorrem nos dois testemunhos franceses. A frase omitida: *Sanz ce n'en poez vos partir*, o fragmento de frase: *Se Dex plaist*. E há outros procedimentos comuns aos dois testemunhos ibéricos: ambos fazem *sem falha/sin falla* por *certes* que ocorre no primeiro testemunho francês. Ele mesmo ou

outro muito próximo dele teria então sido a fonte da tradução ibérica. Depois, ambos substituem *Lambegues* pelo pronome pessoal da terceira do singular. A diferença entre os testemunhos ibéricos é que o castelhano faz *dexaria*, enquanto o português segue de perto os testemunhos franceses: *leixarei*. Se a única diferença entre os testemunhos ibéricos e os franceses fosse *sem falha / sin falla* por *certes*, poder-se-ia alegar que a passagem não seria altamente esclarecedora em relação à prioridade, visto que ficaria difícil saber qual adotou primeiro a solução, no entanto a modificação do tempo verbal denuncia que o testemunho castelhano poderia ter usado de maior liberdade tendo diante de si uma tradução, o que seguramente não praticaria se estivesse diante do texto original.

Segunda *collatio*:

***Q. §377.O (fól.181c), N (fól.86a), S (IV, fól.120d):***

Et Blioberis raquelt sa voie d'une autre part. *Ensi se departent li troi chevaliers*. Et messire Tristan, *qui toute voies chevauchoit tant doulenz et tant corrociez que nul plus*, tant [ot] alé *en tiel maniere* qu'il li anuita a l'entree d'un chastel...

***Tr. (T., fól.349b):***

Blioberis retint sa voie d'autre part. *Ainsi departent li troi chevalier*: Et Tristan, *qui toute voies chevauchoit tant iriez con nun plus*, a tant chevauchié *en tel maniere* qu'il li anuita a l'entree d'un chastel...

***D. (fól. 126c):***

E Blioberis ar filhou sa carreira per outra parte. E Tristam andou tanto aquel dia que lhe anoitece<o> aa entrada de huu castelo...

***De.<sup>1</sup> (cap.CXCV), De<sup>2</sup> (p.235b):***

E Brioberis tomo camino para otra parte. E Tristan anduuo tanto aquel dia que le anochescio a la puerta de vn castillo...

Estão em itálico, nos testemunhos franceses, as passagens que os dois testemunhos ibéricos eliminam. A primeira eliminação é de uma frase completa, a segunda é da explicativa que aliás sofreu redução do primeiro para o segundo testemunho francês e a terceira eliminação é da locução adverbial de modo *en tiel / tel maniere*, dentro da oração subordinada adverbial consecutiva *tant [ot] alé qu'il...* / *a tant chevauché qu'il...*, numa solução satisfatória de tradução. Os dois testemunhos franceses trazem o prefixo *ra-* e *re-* que o português traduz com *ar*, e o espanhol ignora. A novidade que os testemunhos ibéricos apresentam é *aquel dia*, indicação de tempo que não existe em nenhum dos dois testemunhos franceses, além do que a tradução de *tant [ot] alé / chevauchié* por *andou / anduuo*, índice de que o testemunho francês utilizado para a primeira tradução ibérica tenha sido igual a *O*, *N* ou *S*, com a posterior divergência entre os atuais testemunhos ibéricos: *entrada*, do português, por *puerta* do castelhano, além da falta já apontada neste do prefixo *re-*.

Terceira *collatio*:

**Q. §377 O (fóls. 181d-182a), N(fól. 86a), S(IV, fól. 120d):**

-Messire Tristan, dit Lambegues, quex nouvelles?

-Je ne sai, fait-il, nouvelles se bone non. Mes coment a puis vos esté que vos meistes en ceste queste?

-Sire, bien Deu merci. Assez i ai puis trouvé aventureuses belles et laides, *puis que g'i entrai*. Hui sanz faille m'est il plus mésavenu q'il ne fist pieça mes.

-Et de quoi? fait messire Tristan.

**Tr.(T., fól.349c):**

-Sire, bien Dieu merci. Et ai puis trouvé assez aventures beles et leides, *puis que g'i entrai*. Hui sanz faille m'est il plus mesavenu qu'il ne fist pieça mes.

**D.(fól.126d):**

E Tristan disse:

-Dom Lambegues, que novas?

-Mui booas, disse ele.

-Mais como vos foi depois que entrastes em esta demanda? disse Tristan.

-Senhor, disse Lanbeguez, bem, aa mercee de Deus, *ca* muytas aventuras achei booas e maas, *mas* oje, sem falha, me aveeo peor ca peça a mym aveo.

-De que? disse Tristam.

**De.<sup>1</sup>(cap.CXCV), De<sup>2</sup>(p.235b):**

Dixo Tristan:

-Don Lambegus: ¿ay nueuas?

-Mui buenas, dixo el, mas ¿como vos fue desque entrastes en la Tabla Redonda?

-Muy bien, dixo el, a la merced de Dios, *ca* muchas aventuras falle, buenas e malas, *mas* oy me avino sin falla peor que me avino tiempo ha.

-¿Como? dixo Tristan.

Nesta passagem, embora fosse muito interessante, não se conseguiu ampliar o testemunho T., fól. 349c, do *Tristan en prose*, mas foi possível colher, no aparato crítico de Fanni Bogdanow, a variante do códice N, o ms. 343 da Biblioteca Nacional de Paris, correspondente à primeira fala no diálogo, a que a editora chama de *leçon fautive*,<sup>14</sup> mas que os testemunhos ibéricos acabam seguindo. O testemunho castelhano, ainda acompanhado, carrega um agravante.

O exame da passagem exige cautela. De acordo com o primeiro testemunho, o diálogo entre Lambegues e Tristan começa com uma fala de Lambegues. Alternando-se, cada um fala duas vezes no recorte transcrito. É assim no testemunho francês que conseguimos ampliar. Já os testemunhos ibéricos seguem a variante em que a primeira fala é passada para Tristan, numa inversão flagrante em relação ao primeiro testemu-

nho. O modo como se faz a inversão merece destaque. A variante do testemunho N faz: *Messire Tristan dist a Lambegues*, os ibéricos fazem: *E Tristan disse / Dixo Tristan*. Ambos têm a mesma solução. Mais à frente, quando o testemunho castelhano foge de todos os outros, fica patente a gralha que resulta em duas falas seguidas de Tristan, porque só Lambegues pode ter respondido à pergunta de Tristan e, se ao responder, Lambegues faz uma pergunta desta vez cabe a Tristan. Apesar disso, a última fala é dele ainda: *¿Como? dixo Tristan*.

Muito curioso também nessa passagem este outro pormenor que só pôde ser explorando com a ampliação das transcrições. Trata-se do emprego de *bien Deu merci / bien Dieu merci / bem, aa mercee de Deus / Muy bien, dixo el, a la merced de Dios*, em que se observa que o códice vienense não traz a vírgula depois de *bem* e o testemunho castelhano desloca *bien* fazendo-o proceder do intensificador *Muy*.

O trabalho de tradução transforma a subordinada adverbial temporal *puis que g'i entrai* numa explicativa: *ca muytas aventuras achei/ca muchas aventuras falle*. Cada um dos testemunhos ibéricos traz um outro dado diferente: *dise Lanbegues / dixo el*, sendo que, em função da gralha, este *el* não pode referir-se a Lambegues.

Quarta *collatio*:

**Q.§577.O(fól.211d),N(fól.100c):**

Et tout ausint com Simeu avoit esté delivrez de *l'ardor del feu qui tant avoit duré* en la venue de monseignor Galahaz, tout ausint fu Moïs delivrez, et celle meésmes maniere. *Si fu celle chouse tenue par le roiaume de Logres a grant merveille et fu mis en escrit a Saint Estiene de Chamaalot.*

**D.(fól.178d):**

E bemasy como Simeu foy livre *do fogo* polla vñjnda Galaz, asi foy Moïs livre per aquella mesma aventura. *Este milagre* foy metudo *na see* de Cammaloc em escrito.

**De.<sup>1</sup>(cap.CCCLIII),De.<sup>2</sup>(p.95a):**

E bien asi como Simeon fue librado de la *pena* por la venida de Galaz, assi fue Moyses *su hijo* por aquella mesma aventura. *Y este miraglo* fue metido en escrito *en la Silla Peligrosa* de Camaloc.

Antes de mais nada, o detalhe do aposto *su fijo* presente no testemunho castelhano e ausente dos dois outros testemunhos. A edição de Fanni Bogdanow ainda não permite conferir se os manuscritos franceses arrolados como testemunho trazem a menção do fato de Moïs ser filho de Simeu no início do parágrafo como ocorre nos testemunhos ibéricos. No códice 2594 de Viena, lê-se: “Ali achou el o moimento de Moises, o filho de Simeon que sempre ardia, como o conto há já devisado”, o que precede imediatamente a passagem acima. Na edição castelhana de 1535, temos: “E assi fallo el monumento de Moyses, el fijo de Simeon que siempre ardia assi como el cuento lo ha devisado”, seguindo-se a passagem em questão. tais informações revelam que o

testemunho castelhano repete a informação por meio do aposto referido. Se os fragmentos franceses tiverem preservado a cena toda que ocorre pela altura do número 577, o próximo volume da edição Bogdanow deverá trazê-la, por enquanto a publicação atinge o número 393.

Os destaques em itálico mostram um crescente processo de redução: *de l'ardor del feu qui tant avoit duré*, para *do fogo*, e por fim, para *pena*; depois: *Si fu celle chose tenue par le roiaume de Logres a grant merveille et*, para *Este milagre* para o equivalente espanhol: *Y este miraglo*. Além dessa redução progressiva, há uma outra palavra que se repete nos dois testemunhos ibéricos, mas não traduz literalmente o francês: *aventura / aventura* por *meesme maniere*. O mais interessante porém, nesta passagem, é a diferença de *a Saint Estiene*, para *see* e depois para *en la Silla Peligrosa*. Essa passagem parece fornecer argumento sólido para confirmar que o tradutor espanhol valeu-se de um testemunho diferente daquele a que nos remetem os fragmentos franceses, visto que o orago da Sé foi muito apropriadamente substituído por *See*. Possivelmente, o tradutor espanhol sobrepôs a idéia de *See* à do único assento destacado ao longo do texto, *a seeda perigosa* e então fez: *em la Silla Peligrosa*. Ora, *meter en escrito en la Silla Peligrosa* não faz o menor sentido, nem tal *Silla* confunde-se com a *See de Camaloc*, nem tampouco em qualquer assento da tábua redonda escrevia-se o que quer que fosse. Certamente não se consegue explicar como o texto castelhano teria chegado a *Silla Peligrosa*, sem outro testemunho que não o original francês, a julgar pelos fragmentos que deles subsistem.

Quinta *collatio*:

**Q.§107.S(IV,fól.90a):**

En ceste partie dit li comptes que quant Keux le Seneschal se fut partis de monseigneur Galaad pour aler a monseigneur Gauvain, messire Boort monta sur le cheval au chevalier que Keux avoit occis, et *laisserent* le chevalier gisant en my le chemin, *qu'ilz n'en porterent riens du sien fors seulement l'escu qu'il avoit*. Cellui prist messire Boort pour le sien que Galaad avoit trenchié en .ii. moitiés, si com ly contes a ja devisé. Quant ilz se furent mis en la voye, messire Boors dist a Galaad...

**D.(fól.35b):**

Quando se *querria* partir de Gallaaz por hir a Galvem, Boorz cavalgou no cavallo do cavaleiro que hi matara, e *leixou* o cavaleiro morto *em meyo* da carreira, e *nom lhe quis al tomar ergo o cavallo*, e pois entraram no campo, dise Boorz a Gallaaz...

**De.<sup>1</sup>(cap.XC):**

*Dize el cuento que pues que se partio de Galaz e de Boores por yr a Galuan, Boores caualgo en el cauallo de caullero que mato que ante ellos (De<sup>2</sup> omite que ante ellos) e dexaronlo yazer en el camino, e fueronse; e andando assi, dixo Boores a Galaz...*

**De<sup>2</sup> (p.195b):**

*Pues dize el cuento que se partio Galaz de Boores por yr a Galuan, Boores...*

Esta passagem, na expressão de Fanni Bogdanow, é muito característica das relações que há entre os testemunhos ibéricos e sua fonte francesa.<sup>15</sup> Os destaques que ela traz em itálico em sua edição permitem ver o que se conserva, o que sofre alteração e o que é eliminado de um testemunho para o outro. O testemunho espanhol *De* conserva o plural da forma verbal *leissierent / dexaron*, que o português levou para o singular: *leixou*. O texto espanhol elimina *qu'ilz n'en porterent riens du sien fort seulement l'escu qu'il avoit*, que o português faz, a seu modo: *e nom lhe quis al tomar ergo o cavallo*. Os dois testemunhos ibéricos omitem *cellui prist messire Boort pour le sien que Gallad avoit trenchié en .ii. moitiés, si com ly contes a ja devisé* (que contrariando a norma, não vem em itálico na edição), bem como o nome do cavaleiro Quéia. Fanni Bogdanow, com a familiaridade que tem com manuscritos e testemunhos impressos, sugere a seguinte conjectura para a tradução portuguesa, em seu estado mais antigo:

Diz o conto que quando se *Queya* partio de Galaaz por hir a Galvam, Boorz cavalgou no cavallo do cavaleiro que hi matara, e leixaron o cavaleiro...<sup>16</sup>

É mesmo possível que o copista do testemunho português de que dispomos tenha lido *querria* onde estava escrito *Queya*, o que o testemunho castelhano suprimiu. Ou terá sido seu impressor quem, em seguida, suprimiu. Convém lembrar que no códice vienense esse nome é grafado indistintamente com **K**, com **Qu** ou somente com **Q**. É possível que a grafia **Qu**, ainda que abreviada, ou sobretudo abreviada, pudesse permitir erro de lição, devido ao **r** longo poder confundir-se com **y**. Outra hipótese é que a fonte comum do texto português e do texto espanhol, algo igual ou próximo da conjectura de Fanni Bogdanow, já tivesse efetuado a supressão de *Queya* (sem prejuízo do sentido da frase, como se pode verificar) e diferentes copistas deram tratamento diferente. Essa hipótese parece mais fraca pelo fato de o texto português ter conservado *querria*.

Sexta *collatio*:

**Q.§141.S(IV,fól.96d):**

Aprés ceste parole dist Hector:

- Sire, vous avés grant piece chevauchié tout *seul*, et je aussi. Nous n'avons riens trouvé. Or chevauchons ensemble.

**D.(fól.47a):**

Depos esto, disse Estor:

- Dom Galvam, vos andaste ata ora *ssoo* e eu outrosi, e nom achamos rrem. Ora andemos de consumm.

**De.<sup>1</sup>(ch.CXVI),De.<sup>2</sup>(p.206a):**

E despues desto dixo Estor a Galuan:

- ¿Vos fuistes fasta agora sano?
- Sy, dixo el.
- E yo otrosi; pues andemos en vno.

Nesta passagem o comentário fica todo por conta da grafemática e da consequente leitura do código. O grafema-l- em qualquer das três línguas em questão constitui-se de uma haste cuja altura varia segundo o punho que a realiza, mas em hipótese alguma poderia reduzir-se ao corpo único de grafemas como: -m, -n, -u, -v, -e... Se o tradutor ou copista castelhano tivesse tido à sua frente uma palavra com esse grafema *l*, não teria justificativa para ter grafado uma palavra com grafemas todos de um corpo sem haste. A conclusão que se impõe é que tenha tido à sua frente um testemunho em que a palavra tinha tão somente grafemas dessa natureza. O contraste ainda persiste entre os testemunhos ibéricos: *sanno* não confere com *ssoo*. O testemunho castelhano distancia-se de todos os demais e sua lição, ainda que tenha sentido, não traduz nenhuma fonte francesa.

Sétima *collatio*:

**Q.(112,IV,fól.112d):**

Gaheriet, or pouez veoir la grant *loyalté* de monseigneur Gauvain, vostre frere. Il a orendroit occis ung des plus pseudoms de la Table Ronde, c'est Eret, le filz Lac, qui cy gist mort... et illeques compterons la *loyauté* de monseigneur Garvain et en quel maniere il l'occist.

**D.§§345-346(fól.115c):**

Gariet. ora podedes ver a gram *lealdade* de voso irmão que matou agora esta ora huï dos melhores homeês da Mesa Redonda, Erec, filho de rey Lac...; e alli contaremos a *lealdade* de Galvam e em que guisa o matou.

**De.<sup>1</sup>(ch.CLXXVIII):**

Gariete, agora podeys ver la gran *deslealtad* de vuestro hermano, que mato agora a este cauallero que era vno de los mejores que eran en casa del rey Artur. Y este era Erec, fijo del rey Lac... e contarle la *deslealtad* que vuestro hermano fizo, y en qual guisa lo mato.

Nesta passagem, o testemunho português é literal absorvendo a ironia. O castelhano distancia-se não percebendo a ironia e faz uma lição rigorosamente presa ao código cavaleiresco. Quer nos parecer que, nesta passagem, pesa bastante o argumento de que o escriba castelhano sabia perfeitamente que tinha diante de si uma tradução e não o original. Tal circunstância propiciava-lhe mais facilmente o direito de alterar o texto, de acordo com sua leitura crítica. Não significa que diante do texto original não houvesse possibilidade de leitura crítica, certamente poderia haver, mas a facilidade em eliminar uma ironia, tomando a palavra *lealdade* por eventual erro é algo que diante de um texto-fonte fica mais complicado.

Oitava *collatio*:

**Q.**(ms.772,fól.387b):

...Et il en mercie mout. Puis dit a la damoiselle:

-Savez vous ou *noz armes* sont?"

Lors les mainne en une chambre ou les armes estoient, si s'arment vistement...

**D.**§505,fól.165a):

E entom lhe deu sa espada e dise-lhi:

-Vedes aqui vossa espada. Gardade-a ben des oje mais.

E ele filhou sa espada e agradece-lha muyto. E pois dise-lhi:

- Sabedes u san *vossa irmaãs*?

E ela os levou a hũa camara u eram. E pois eles foram armados, tornarom aos do paço que se ergueram ja.

**De.**<sup>1</sup>(ch.CCLXXX):

Y estonce le dixo:

-Señor, vedes aqui vuestra espada, e guardadla bien do oy mas.

Y el tomo su espada, e gradeciolo mucho a la donzella e dixole:

-Señor, sabeis do son *vuestras armas*?

Y ellos dixeron que no. Y ella los lleuo a vna camara donde eran; e armaronse...

O possessivo nos textos ibéricos está na segunda do plural enquanto na fonte francesa o mesmo possessivo está na primeira do plural. O acoplamento do *i-* de *irmaãs* com o *-r* pode provocar a lição *armaãs* em que a nasal devia ser desconsiderada. O próprio contexto exige a correção, visto que a seqüência traz: "E pois eles foram armados, tornarom aos do paço..."

Não sendo possível prolongar por hoje a amostragem, julgamos útil trazer um argumento que a *collatio* vem sugerindo, à medida que vamos caracterizando as mais freqüentes divergências entre os testemunhos espanhóis e o códice português de Viena. Ainda embrionário, o argumento apresenta-se-nos como algo próximo de uma liberdade maior que se dá o texto castelhano, sabendo que o testemunho que tem em mãos não é o original, mas uma tradução. Tal argumento ainda precisa ser mais elaborado e sua aplicação, se confirmada com alta freqüência, poderá tornar-se muito esclarecedora.

Temos certeza de que o trabalho só poderá apontar para tal ou qual direção na medida em que delinearão-se traços nítidos do processo de transmissão do texto. Esses traços precisam ser multiplicados como recursos de defesa contra o argumento da ocorrência eventual dentro do processo. Dados desta natureza diferenciam a atitude atual diante da questão que apresenta-se em novo estado para o pesquisador. Se, há cinqüenta ou sessenta anos, era possível tomar-se uma passagem, uma ocorrência ou mesmo uma palavra, como de fato aconteceu, para se pretender afirmar uma fonte, hoje em dia, face aos dados quantitativa e

qualitativamente muito superiores, conta mais a multiplicidade de traços e a multiplicação de sua ocorrência.<sup>17</sup>

Como se trata de pesquisa em andamento, poderia comodamente dizer que não há conclusão, mas para fazer jus à apreciação do público tão especializado os fragmentos que trouxe, agradeceria muito, se me ajudassem a ir percebendo mais tópicos de interesse semelhante aos que aponte, e que propiciam, até o momento, as seguintes indicações:

1. Há passagens em que o texto português do códice vienense 2594 está inegavelmente mais próximo da fonte francesa.

2. Dentro de algumas passagens, há momentos em que o texto castelhano parece estar mais próximo de alguma fonte francesa.

3. Não foram encontradas, até o momento, passagens em que se possa constatar que o texto português suponha o acesso a uma tradução ibérica de outra língua, que fosse intermediária entre os fragmentos dos testemunhos franceses e a cópia do século XV.

4. Há passagens em que é difícil admitir-se que o texto castelhano dos incunábulos de 1515 e 1535 possa ter chegado ao estado em que se apresenta, sem se supor o acesso a uma tradução peninsular intermediária, em outra língua.

Tais têm sido os resultados parciais a que vimos chegando. Mas há muito chão pela frente e certamente muitas pistas a explorar mais ainda: além do léxico, a sintaxe, as alterações de discurso, o emprego do tempo verbal, as eventuais substituições, glosas, reduções ou ampliações, e com isso também o trabalho propriamente dito de tradução. Esse tem apontado méritos do tradutor. A confirmar-se a prioridade da tradução portuguesa, se é verdade, como se diz, que o tradutor revela-se mais quando seu trabalho deixa de ser literal, quer parecer-nos que o tradutor português impressiona pela compreensão abrangente que revela ter da obra, da mentalidade da época, talvez até dos objetivos que teria Afonso III ao trazê-la da França, na circunstância histórica em que assumiu o trono de seu irmão Sancho II.

## NOTAS

1. Fanni Bogdanow (1966) *The Romance of the Grail. A study of the structure and genesis of a thirteenth-century arthurian prose romance*, Manchester, Nova Iorque, Manchester University Presss, Barnes and Nobre 1966. À p. 89, nota 3, diz a arturianista: “I am preparing a critical edition of the Post-Vulgate Queste (SATF).”
2. Augusto Magne. *A Demanda do Santo Graal*, edição em três volumes, dois de texto e um de glossário, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, INI, 1944. Edição Fac-similar em dois volumes, tendo saído o primeiro em 1955 e o segundo em 1970,

pelos mesmos editores da edição de 1944. O glossário tomou as mesmas proporções da fac-similar, mas dele saiu apenas o volume I A-D, em 1967.

3. Fanni Bogdanow (1991) *La Version Post-Vulgate de la Queste del saint Graal et de La Mort Artu. Troisième partie du Roman du Graal*. T. I Introduction, T.II (texto até 393), T.IV.I *Commentaire*, Paris, Société des anciens textes français - Picard.
4. Maria Francisca Xavier e Maria Helena Mira Mateus (org.) s/d. *Dicionário de termos lingüísticos*, vol. I Lisboa, Cosmos, p.404, verbete 1898 *Vulgata*, que declara ter como fonte: Muzerelle, D. (1985) *Vocabulaire Codicologique. Répertoire méthodique des termes français relatifs aux manuscrits*, Paris, Editions CEMI.
5. H. Oskar Sommer (1908-1916) *The Vulgate Version of the arthurian romances edited from manuscripts in the British Museum*, v. I (1909) *L'Estoire del Saint Graal*; v. II (1908) *L'Estoire de Merlin*; v.III (1910) *Le Livre de Lancelot del lac*, part 1; v. IV (1911) *Le Livre de Lancelot del lac*, part II; v. V(1912) *Le livre de Lancelot del lac*, part III; v. VI (1913) *Les aventures ou la Queste del Saint Graal, - La Mort le roi Artus*; v. VII (1913) *Le Livre d'Artus*; v. VIII (1916) *Index of names and places*, Washington, The Carnegie Institute of Washington.
6. Ao término do *Lancelot*, em seu *explicit*, vem nomeado Gautier Map: “Gautier Map achève ici son livre et commence le Graal.” Que a referência ao autor de *De nugis curialium* seja do autor anônimo ou tardia, o propósito há de ser o mesmo, garantir futuro e prestígio para a obra. Gautier Map havia falecido por 1209, antes portanto, da primeira prosificação cíclica, a *Vulgata*, dentro da qual insere-se o *Lancelot*. O emprego do nome Gautier Map revela o quanto seu prestígio ainda era forte.
7. Excusa dizer que a designação *Ciclo do Lancelote-Graal* atende tão somente à *Vulgata*, não cabendo de forma alguma à *Post-Vulgata*, mesmo porque sua maior redução é exatamente a supressão dos três volumes do *Lancelote*.
8. Manuel Rodrigues Lapa “*A Demanda do Santo Graal*, prioridade do texto português”, *A Lingua Portuguesa*, Lisboa, 1929-30, p. 266-279. Reimpresso em Manuel Rodrigues Lapa, *Miscelânea de Língua e Literatura Portuguesa Medieval*, Rio de Janeiro, INI, 1965, p. 105-133. Traduzido para o francês, Manuel Rodrigues Lapa, “*La Demanda do Santo Graal*, priorité du texte portugais par rapport au texte castillan” *Bulletin des études portugaises*, I, 3, Coimbra, 1931. Acompanham Lapa: C. E. Pickford, “*La priorité de la version portugaise de la Demanda do Santo Graal*” *Bulletin Hispanique*, 83, 1961, p. 211-216; F. Bogdanow, “Old Portuguese *seer em car teudo* and the priority or the portuguese *Demanda do Santo Graal*”, *Romance Philology*, XXVIII, 1974, p. 48-51; Ivo Castro, “Sobre a data da introdução na Península Ibérica do Ciclo Arturiano da Post-Vulgata” *Boletim de Filologia*, XXVIII, 1983, p. 81-98. A prioridade espanhola é defendida por K. Pietsch, *Spanish Grail Fragments*, 1, p. XXXII; W. J. Entwistle, *The Arthurian Legend in the Literatures of the Spanish Peninsula*, Londres, Nova

- Iorque, J.M.Dent, Dutton, 1925, reimpresso em Nova Iorque, Phaeton Press, 1975; Pere Bohigas Balaguer, *Los textos Españoles y gallego-portugueses de la Demanda del Sancto Grial*, Madrid, 1925 (Revista de Filologia Española - anejo VII). Numa recensão ao trabalho de Manuel Rodrigues Lapa, na *Revista de Filologia Española*, XX, 1933, p.180-5, o arturianista catalão aceitou a tese da prioridade portuguesa.
9. Ivo Castro, “Sobre a data da introdução na Península Ibérica do Ciclo Arturiano da Post-Vulgata” *Boletim de Filologia*, , XXVIII, 1983, p. 81-98, bem como Ivo Castro, “Quando foi copiado o *Livro de José de Arimatéia*?” *Boletim de Filologia* XXV, 1976-79, 1-4, p.173-183.
  10. Ivo Castro, “*Demanda do Santo Graal*” *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa* (org. Giulia Lanciani e Giuseppe Tavani), Lisboa, Caminho, 1993, p. 203-206.
  11. *Spanish Grail Fragments: El libro de Josep Abarimatia, la Estoria de Merlin, Lançarote*, editados do único manuscrito, por Karl Pietsch. *Modern Philology Monographs of the University of Chicago*, 2v, 1924 e 1925. Edição dos fragmentos espanhóis do Graal contidos no ms. 2-G-5 da Biblioteca de Palácio, Madrid, hoje ms, 1877 da Biblioteca Universitária de Salamanca.
  12. Fanni Bogdanow, *La Version Post-Vulgate...*, T. I. *Introduction*, p.477, nota 17.
  13. Fanni Bogdanow, *La Version Post-Vulgate...*, T. I. *Introduction*, p. 477: “Il est manifeste qu’elles ne sont pas des traductions indépendantes du même manuscrit français, mais qu’elles dérivent d’un intermédiaire commun, la première traduction ibérique.” A arturianista britânica é incisiva.
  14. Fanni Bogdanow, *La Version Post-Vulgate...*, T.II, p.510, nota 11.
  15. Fanni Bogdanow, *La Version Post-Vulgate...*, T. I, *Introduction*, p. 467.
  16. Idem, *Ibidem*, p. 467.
  17. Veja-se, por exemplo, o célebre artigo de H. O. Sommer: “The Queste of the holy Grail forming the third part of the trilogy indicated in the Suite du Merlin Huth ms.” *Romania*, XXXVI, (1907) p. 369-402 e 543-590. Interessa a passagem da p. 548, em que o crítico alude a *strange blunders* como *destoria por descocia; aquella domaa (?)* por *en aquella demanda* ou ainda *ante a jnsoa grande* por *ante la joyasa guarda*. Convém ver como avalia a questão Rodrigues Lapa em “*A Demanda da Santo Graal prioridade do texto português*” As indicações bibliográficas desse texto estão na nota 8.

\*\*\*